

**Prova teórica de avaliação para o
Acesso ao Ensino Superior para Maiores de 23 Anos**

Parte I – Prova de Língua e Cultura Portuguesas

Data: 15/jun/2021 – **Duração:** 01h15m – **Júri:** Teresa Oliveira, Luís Henriques e Luís Cardoso

**LEIA TODA A PROVA ANTES DE COMEÇAR A RESPONDER.
DÊ RESPOSTAS CURTAS E CLARAS.
TODAS AS RESPOSTAS DEVEM SER REGISTADAS NA FOLHA DE RESPOSTA.**

Grupo I

Quando eu era pequeno, havia duas pastelarias em Benfica. Uma por baixo da igreja, frequentada pelo proletariado do bagaço, sempre cheia de serradura e de beatas esmagadas, a que chamavam Adega dos Ossos e onde me desaconselhavam ir, no receio de que eu me viciasse, funestamente, na ginjinha e no *Português Suave*, e acabasse os meus dias a jogar dominó, a perder à sueca e a tossir no lenço. Era um estabelecimento escuro, cheio de garrafas na parede, em cuja vitrina havia mais moscas do que pastéis de nata. Para além das prateleiras de lombadas de garrafas, uma biblioteca de *delirium tremens*, lembro-me do empregado vesgo, de olho direito furibundo e esquerdo de uma benevolente ternura, e do senhor Manuel sacristão que ali descia entre duas missas, de opa vermelha, a comungar copos de três numa unção eucarística, oculto por detrás do frigorífico no receio do prior, todo ele severidade e botões desde o pescoço aos sapatos, e para quem o vinho, quando fora das galhetas, adquiria a demoníaca propriedade de tresmalhar as ovelhas, levando-as a preterir o rosário das seis horas a favor do vício abominável da bisca.

A outra pastelaria, quase em frente da primeira, tinha o nome de Paraíso de Benfica, era frequentada, a seguir à missa, por senhoras de devoção inoxidável, antimagnética e à prova de bala, como, por exemplo, as minhas avós e as minhas tias, cuja intimidade com os santos me maravilhava, e que se apressaram a ensinar-me o catecismo a partir do dia em que perguntei, apontando uma pagela do Espírito Santo

– Quem é este pardal?

tentando explicar-me que Deus não era pardal, era pombo, e eu imaginei-o logo na Praça de Camões a comer à mão dos reformados, o que não me parecia uma actividade muito compatível com a criação do universo.

O Paraíso era o local que as senhoras invadiam a seguir à missa, e os homens durante ela, e quando uma prima minha, indignada, perguntou ao marido se não ia à igreja, ele respondeu, com sorrisinho óbvio

– Não preciso: estou no Paraíso. É mais fresco e tem cerveja.

Ao contrário da Adega dos Ossos, cheirava bem, nenhum empregado era vesgo, proibia-se o dominó, a opa do senhor Manuel não flutuava, clandestina, por detrás do frigorífico, e sobretudo os meus irmãos e eu tínhamos conta aberta para bolos e sorvetes. De início achei a conta aberta uma generosidade tão tocante que quase me fez chorar de gratidão. Compreendi depois que não se tratava propriamente de generosidade: é que aos domingos almoçávamos em casa da minha avó, e a

oferta de gelados e bolas-de-berlim destinava-se a desviar-nos das nádegas rupestres da cozinha, cujos encantos eu havia começado a descobrir por essa altura. Dividido no meio de dois Paraísos igualmente celestiais, hesitei meses a fio entre as *duchesses* e o fogão de quatro bicos.

Acabei por optar pelo fogão. Quando, tempos volvidos, a cozinheira se casou com um polícia (todas as cozinheiras casavam com polícias) e tentei regressar às bolas-de-berlim, a minha avó, desiludida com os meus pecados, havia cancelado a conta. Desesperado, dispus-me a acompanhá-la a Fátima numa excursão de viúvas para lhe reconquistar o afecto e os bolos de arroz: nem esse sacrifício heróico a comoveu. E passei a viver numa dupla orfandade insuportável, da qual nenhuma queijada nem nenhum avental se interessaram, até hoje, em salvar-me.

António Lobo Antunes, *Crónicas do Público 1*, Círculo de Leitores, 1996, pp. 81-83.

Glossário:

- *Português Suave*: marca nacional de cigarros;
- *delirium tremens*: quadro patológico caracterizado por tremores, suores, agitação e alucinações, geralmente resultante do consumo de álcool prolongado e excessivo;
- *duchesses*: bolos de pastelaria francesa, feitos com massa de fartos e, geralmente, recheados de *chantilly* e decorados com fios de ovos.

1. O narrador apresenta-nos dois estabelecimentos comerciais com nomes curiosos. Explique o significado desses nomes, relacionando-os com o ambiente vivido em cada um desses estabelecimentos.
2. Caracterize, por palavras suas, a clientela de cada um dos estabelecimentos, em termos sociais, culturais, religiosos e de expectativas de vida.
3. Explique o sentido do seguinte excerto do texto: “Dividido no meio de dois Paraísos igualmente celestiais, hesitei meses a fio entre as *duchesses* e o fogão de quatro bicos” (linhas 32-33).
4. As duas pastelarias podem ser entendidas como metáforas de duas diferentes fases da vida do pequeno/jovem narrador. Relacione-as com a reflexão, presente no último parágrafo do texto: “E passei a viver numa dupla orfandade insuportável, da qual nenhuma queijada nem nenhum avental se interessaram, até hoje, em salvar-me” (linhas 38 e 39).
5. Dê um título ao texto, justificando a sua escolha.

GRUPO II

As pastelarias, cafés e tabernas fazem parte das vivências de todos nós: são pontos de encontro de gerações, tanto em ambiente urbano como rural.

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas palavras, relembre dois destes estabelecimentos que sejam ou tenham sido marcantes na sua vida.

FIM DA PROVA

COTAÇÕES

I	
1.	1
2.	2
3.	3
4.	3
5.	1
II	5
Total	10 valores